

# Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

---

## A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA

*Dirce Maria Antunes Suertegaray*

*Boletim Gaúcho de Geografia, 20: 42-44, dez., 1995.*

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38033/24536>

---

Publicado por

## Associação dos Geógrafos Brasileiros

---



## Portal de Periódicos UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

---

### Informações Adicionais

**Email:** [portoalegre@agb.org.br](mailto:portoalegre@agb.org.br)

**Políticas:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

**Submissão:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

**Diretrizes:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

---

Data de publicação - dez., 1995

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

## A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA

Dirce Maria Antunes Suertegaray \*

Como professora, que tem, entre outras funções, a de formar professores(as), na medida em que ensina em um curso de licenciatura, muitas questões colocam-se. Ao refletir sobre o tema, podemos nos perguntar: formar professores, que professores de primeiro, segundo ou terceiro graus? Formação pedagógica ou formação específica? Ou ainda: O que significa ser professor? O que significa ser professor de Geografia?

Ao mesmo tempo em que nos perguntamos sobre estas questões, pensamos: quantos são e onde trabalham os professores de Geografia? Quanto recebe pelo seu trabalho um professor? Que dificuldades enfrenta em seu cotidiano? Como superam essas dificuldades? E, além destas interrogações, fica como pano de fundo nossa grande indagação: para onde vai a Educação?

Estas e tantas outras indagações estão certamente no pensamento de cada um de nós e refletem a grande complexibilidade desta profissão, em particular, neste momento. Complexibilidade esta que se agrava, o que percebemos através de um conjunto de indicadores, tais como: o despreparo profissional do jovem professor; a desvalorização social da educação e do professor; o aviltamento dos salários, fazendo, por exemplo, com que o Rio Grande do Sul esteja entre os estados da Federação que paga os menores salários, uma média de R\$ 112,91 (cento e doze reais e noventa e um centavos) para uma jornada de vinte horas semanais (conforme Conferência Nacional dos Trabalhadores da Educação – dados publicados no *Correio do Povo* de 07-05-1995). Acrescido ainda de falta de infra-estrutura das escolas; conteúdos defasados, desestimulantes; desinteresse e evasão escolar e, fundamentalmente, o confronto de políticas educacionais que se expressa no impasse em nível nacional da discussão entre a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), discutida e aprovada na Câmara Federal, e a proposta elaborada e defendida pelo senador Darcy Ribeiro.

Ainda que estas sejam questões presentes no cotidiano de todos nós, professores(as), optei trabalhar aqui uma outra dimensão, qual seja, refletir sobre como se expressou, ao longo dos últimos anos, a preocupação com a formação de professores de Geografia, nos cursos de Geografia e no âmbito da AGB.

Para dar início a esta reflexão, faço referência aos Anais do 5º Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em Porto Alegre, em 1982. Busco nestes anais, além de um texto escrito por mim, outros que me orientem a lembrança no sentido de resgatar como pensávamos a formação do professor de Geografia naquele momento.

Os poucos textos que se acham presentes nesses anais centram-se na crítica da Geografia que se ensina, basicamente analisada através do conteúdo do livro didático. Analisando estes textos, verifica-se uma preocupação com o que estava sendo ensinado no primeiro e segundo graus. Sabendo-se, à época, do grande uso do livro didático em sala de aula, é possível pensar que, pela crítica ao conteúdo, criticava-se o professor e quiçá a sua formação. Estávamos iniciando uma década de extrema efervescência/discussão teórica em Geografia. A crítica ao conteúdo ensinado no primeiro e segundo graus, em certa medida, promovia reflexão entre os professores dos cursos de Geografia no terceiro grau. Este processo que se desencadeia fortemente ao longo da década de oitenta reflete-se de duas formas:

1. Na discussão do conteúdo geográfico ensinado em primeiro e segundo graus e na busca de alter-

nativas curriculares para o ensino de Geografia, através da formulação de propostas de ensino que, partindo de questões tais como: O que é Geografia? O que ensinar em Geografia? Qual a importância da Geografia no ensino fundamental? Qual o papel da Geografia na formação do cidadão? Estas questões promoveram a proposição de novos conteúdos, imbuídos de toda uma perspectiva de ensino crítico, comprometido com o desvendamento da realidade vivida, com a formação do cidadão e da transformação social. São exemplos destas propostas as elaboradas pelos professores do Departamento de Geografia da atual Unijuí; a proposta elaborada pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, em conjunto com professores do Departamento de Geografia da USP; a proposta do Estado do Rio de Janeiro, entre outras. E, ainda, o desencadeamento de encontros de professores de Geografia, que se ampliaram a partir dos anos oitenta e nos anos noventa e cujo exemplo constitui o próprio BEPG, que comemora seus quinze anos, e outros tantos que se realizam em vários estados do território nacional, merecendo destaque o Encontro Nacional de Professores de Geografia – *Fala Professor*, organizado pela Diretoria Executiva Nacional da AGB.

2. No redimensionamento dos currículos das universidades, buscando a inserção nos cursos de Geografia, das discussões teórico-metodológicas que se faziam através da criação de novas disciplinas ou substituições de súmulas.

Analisando estas questões hoje, já na metade da década de noventa, é possível evidenciar alguns fatos, não necessariamente generalizantes, mas susceptíveis de discussão quando se fala de formação de professores.

Muita ênfase foi dada ao papel da Geografia na formação do cidadão; pouca ênfase se deu, talvez, na formação do professor-cidadão. Ou melhor, propusemos a mudança enfática do conteúdo e, neste caso, avaliando o curso que hoje coordeno, esquecemos o significado do formar professor. Esta me parece ser, agora falando no ensino de terceiro grau, a grande questão com a qual nos deparamos. Além da crise da educação como um todo, das condições precárias das escolas, dos baixíssimos salários, da falta de professores por abandono da carreira após a formatura, ou mesmo durante a formação, parece que também nos esquecemos de que *formamos* professores. Isto se reflete, hoje, no âmbito da universidade, na desvalorização do formando/professor em relação ao bacharel; na dicotomia da formação, já que muitas vezes, ainda que tenhamos cursos de licenciatura, enfatizamos a formação do bacharel, privilegiando as práticas profissionais relativas a estes, esquecendo a prática profissional daqueles – os(as) professores(as). Reflete-se, também, na falta de articulação entre as disciplinas pedagógicas e as específicas nos cursos de Geografia e na pouca prática profissional, esta praticamente restrita ao estágio docente ao final do curso.

Estes dados parecem indicar a necessidade de um redimensionamento e, aqui, cabe lembrar o espaço de articulação que a Pró-reitoria de Graduação da UFRGS vem fazendo (94/95) no sentido de reverter este quadro, através do Fórum das Licenciaturas. Este programa prevê o redimensionamento dos cursos de licenciaturas, via uma discussão coletiva, que venha indicar políticas de atuação que encaminhem os cursos de licenciaturas na direção da formação do(a) professor(a).

Muitos são os problemas a vencer. Estes, para citar alguns, vão desde questões relativas à evasão dos cursos de licenciatura, à não-procura por esses cursos, à desvalorização do licenciado no âmbito universitário, à desarticulação das disciplinas e conteúdos, tanto disciplinas específicas quanto específicas e pedagógicas. Acrescente-se a pouca experiência profissional adquirida ao longo do curso de formação, bem como a falta de articulação do primeiro, segundo e terceiro graus. Somam-se a estas, questões de ordem mais ampla, como, por exemplo, a discussão que também é feita, indicando a necessidade de criação de cursos de formação de professores independentes dos cursos de bacharelado. Questão inclusive presente nas discussões atuais da AGB, quando bacharéis em Geografia reivindicam currículo mínimo diferenciado das licenciaturas.

Gostaria de deixar registrado que, ao longo desses últimos quinze anos, muito se fez no âmbito de Geografia. Retomando os registros nos Anais dos Encontros Nacionais da AGB nos anos oitenta e noventa, verifica-se um significativo conjunto de textos que propõe novas formas de ensinar Geografia. Esta discussão coletiva contribuiu para o avanço e a divulgação mais ampla do processo de renovação dos conteúdos geográficos e dos novos métodos educacionais. Contribuiu para a avaliação crítica da postura clássica de ensino-aprendizagem – em que o professor é quem ensina e o aluno é quem aprende. Contribuiu para a valorização da Geografia nos currículos escolares e, principalmente, foi responsável pela extinção dos Estudos Sociais.

Não obstante, penso que o avanço significativo virá quando for viabilizada a articulação consistente entre ensinamentos de primeiro, segundo e terceiro graus e a articulação de Geografia com a Educação e com outros campos do conhecimento que permeiam a formação profissional. Compromisso que deverá ser assumido pelos professores, coletivamente, objetivando o resgate de uma formação mais sólida para este mesmo professor.

Para finalizar, resgato a fala do educador Paulo Freire em entrevista na *Folha de São Paulo* (09-05-1995):

Um dos grandes pecados da escola é desconsiderar tudo com que a criança chega à escola. A escola decreta que antes dela e durante ela não há nada, só ela mesma. A escola precisa ser mais humilde e reconhecer que a criança que chega traz uma experiência de mundo.

Transportando para a Universidade, enquanto escola, diria que também a Universidade deve ser mais humilde e entender que a formação de professores terá mais consistência se, rompendo o isolamento, reconhecer que os professores de primeiro e segundo graus têm muito a nos dizer. Eles têm, também, uma experiência de mundo que se faz necessária para a compreensão do ato de ensinar e para a revitalização da nossa prática universitária.

---

KOGA, Keiko Tokunaga. A Geografia aplicada ao estudo da sociedade. Porto Alegre: *Anais do 5º Encontro Nacional de Geógrafos*. Contribuições Científicas. Volume 1, 17-23/07/1982

PROGRAD/UFGRS – *Relatório do Fórum das Licenciaturas*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994

ROSSATO SUERTEGARAY, D.M. A Geografia que se faz é a que se ensina. Porto Alegre: *Anais do 5º Encontro Nacional de Geógrafos*. Contribuições Científicas. Volume 1, 17-23/07/1982

VESENTINI, J.W. O livro didático de Geografia para o 2º grau: algumas observações críticas. Porto Alegre: *Anais do 5º Encontro Nacional de Geógrafos*. Contribuições Científicas. Volume 1, 17-23/07/1982

VLACH, V.R.F. Algumas reflexões atinentes ao livro didático de Geografia do primeiro grau. Porto Alegre: *Anais do 5º Encontro Nacional de Geógrafos*. Contribuições Científicas. Volume 1, 17-23/07/1982

---

\* Professora no Departamento de Geografia e coordenadora da Comissão de Carreira do Curso de Geografia da UFGRS.